

LITERATURA E CIDADE EM LUNARIS DE CARLOS RIBEIRO

Arolda Maria da Silva Figuerêdo - Mestranda Pós Crítica/UNEB

Orientador: Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond

Co- orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix

Resumo: Pesquisa em andamento onde se pretende problematizar o caos urbano, apresentado por Carlos Ribeiro, em *Lunaris*, obra literária que explora as relações do homem na contemporaneidade dentro do espaço citadino. A obra, *Lunaris*, é escolhida para uma seleção de cenas que permitam a compreensão do caos e sua força demolidora das subjetividades do humano e das instâncias que se querem reguladores do urbano. Frente a um mundo urbano racionalizado por parte de suas forças constituintes (urbanismo, segurança, governança etc.) e homogeneizantes. Foca-se nos estudos sobre literatura e cidade (moderna), na Europa e no Brasil (na modernidade) através de um breve panorama da cidade do século XIX, a partir da representação de Londres, Paris e Berlin em uma mostra de escritos literários de Edgar Allan Poe, Baudelaire e Walter Benjamin. Literatura e cidade no Brasil - Rio de Janeiro e Salvador - suas representações na obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* de Jorge Amado e *Lunaris* e de Carlos Ribeiro a partir da leitura de *A alma encantadora das ruas* de João do Rio.

Palavras-chave: Literatura. Cidade. Contemporaneidade. Cultura.

SUMÁRIO

1 Apresentação (o porque da pesquisa + a introdução)

2 Literatura e cidade (moderna) na Europa e no Brasil (na modernidade)

Um breve panorama da cidade no Século XIX através da representação de Londres, Paris e Berlin em uma mostra de escritos literários de Edgar Allan Poe, Baudelaire e Walter Benjamin;

3 Literatura e cidade no Brasil - Rio de Janeiro e Salvador suas representações na obra *Lunaris* de Carlos Ribeiro e *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* de Jorge Amado a partir da leitura de *A alma encantadora das ruas* de João do Rio;

A matéria poético - narrativa das ruas na ficção contemporânea;

O caos no espaço urbano e as ruínas humanas;

Literatura e cidade: pontos e contrapontos

4- Considerações finais

5- Referências

VIESES DA LITERATURA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

A Literatura é uma área do conhecimento que certamente encanta pela sua versatilidade. Ao longo da história do homem observa-se que ela vai se configurando e dando contorno aos seus mais perspicazes e criativos pensamentos. E à medida que se avança na história mais se percebe que as transformações das formas de pensar e sentir foram sendo abarcadas e descritas pelos textos literários.

Nesse sentido é possível localizar dados ou traçar um perfil da sociedade através dos muitos escritos daqueles que se espelharam na realidade e transpuseram-na para os romances, contos, novelas e crônicas através de suas impressões, desveladas em metáforas e paradoxos os mais interessantes ou esdrúxulos.

Por isso realizar um trabalho no campo linguístico literário requer problematizar o tema a luz dos estudos de autores do campo da crítica cultural que fomentem o debate acerca da linguagem na construção textual e desenvolvimento da temática no feito artístico literário. Daí pensar que a literatura brasileira levando em consideração os contornos que tem, mas também observando suas heranças e transformações sofridas em sua escala evolutiva de valores permeados. Ancorando o trabalho investigativo nos feitos literários de produções anteriores que lhe legaram pedras preciosas ou cascalhos. Porém, atentando-se para o fato de que a recorrência temática é uma possibilidade de se buscar inovar a partir do que já se possui. Nesse caso, valoriza-se o arquivo, ou acervo de que escreve que onde lança mão das mais ricas peças armazenadas para ir se mostrando através do seu repertório de lembranças e sensações recolhidas ao longo da vida.

Dessa forma ao escolher discutir a temática da cidade dentro da literatura, compreende-se como necessário buscar traçar uma linha histórica, delimitando tempo, espaço e visão para melhor se movimentar no emaranhado de produções literárias concernentes com o estudo.

Neste texto discutir-se á sobre a construção cultural e histórica da cidade, na Europa e no Brasil, tomando como ponto de partida a chamada fase moderna, passando pelos construtos intermediários de transição chegando à atualidade, vista como contemporaneidade.

Proposta que se estruturará através de um breve panorama da cidade no Século XIX - através da representação de Londres, Paris e Berlin em uma mostra de escritos literários de Edgar Alan Poe, Baudelaire e Walter Benjamin. Bem como - Literatura e cidade no Brasil - Rio de Janeiro e Salvador - suas representações na obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* de Jorge Amado e *Lunaris* de Carlos Ribeiro a partir da leitura de *A alma encantadora das ruas* de João do Rio.

Busca-se através da trajetória desses autores abrir um leque de compreensão sobre a cidade, que será ao longo do texto discutido e apreciado fazendo contrapontos com a obra de Ribeiro objeto maior dessa análise. Então, apresentar-se uma visão pautada naqueles que são considerados pela crítica como os verdadeiros fundadores da temática cidade na literatura, torna-se preponderante para o desenvolvimento de um panorama histórico literário uma vez que a crítica mundial os apresenta como sendo os autores que dão conta de descrevem a cidade com propriedade.

Objetivar-se á também uma relação com pensamento batailliano acerca do representado por ele através do simbólico e das metáforas, atentando para as formas como articula através da arte a visão de dejetos e ruínas na construção do sujeito e do espaço habitado por ele. Fundamentando-se assim nas obras de Bataille que propõem outra vertente de estudos para a literatura, mais focada no crítico e no cultural.

Acredita-se que ao articular os estudos culturais nessa proposta de trabalho a mesma se insere na relevância de ampliar as compreensões sobre esta temática, com vistas ainda ao desenvolvimento da pesquisa que ora se esboça.

Fortalece a possibilidade de se argumentar com maior propriedade acerca da degradação do meio ambiente, degradação urbana e degradação humana. Assim como o espaço urbano e as ruínas humanas, pelos ecos da desorientação nostálgica com ares de frescor contemporâneo observada na obra *Lunaris* de Carlos Ribeiro. Aspecto que talvez se configure pela estética do residual, ou do canibalismo no recolhimento dos dejetos da literatura realizado pelo autor na construção de sua obra. Desta forma, será feito uma retrospectiva histórica, refletindo sobre as transformações culturais.

O texto se estrutura em três secções: primeiro, será feito uma síntese histórico literária, tentando historicizar cidade e caracterizar as três principais visões cidadinas apontadas dentro da era moderna e contemporânea. Relacionando coma perspectiva do progresso cultural e capitalista. Para em seguida se refletir a partir das teorias de Benjamin e Bataille sobre suas possíveis contribuições ao estudo do tema cidade e a construção romanesca de Ribeiro.

HISTORICIZANDO A TEMÁTICA DA CIDADE: BENJAMIN E A CIDADE NA LITERATURA

Com o texto *Paris Capital do século XX*, Walter Benjamin abre uma vertente de discussões que ecoa até os dias atuais: a temática da cidade inserida, apresentada e apreciada dentro da literatura. Daí sua escrita ser considerada pelos críticos como basilar para a compreensão desse tema e das raízes de suas considerações.

Historicamente texto aborda acerca da passagem do poder da aristocracia rural para a ascensão da burguesia urbana na Europa, mais especificamente na França. E para isso traça uma linha divisória entre estes eixos desenvolvimentistas. E nessa linha progressiva observa as mudanças ocorridas principalmente no espaço urbano de Paris, por volta de 1836. Época em que a cidade começa a ser o espaço de estoque e comercialização de mercadorias através dos grandes magazines. Visto que com a ascensão da burguesia a comercialização têxtil começa o seu apogeu.

Nessa linha evolutiva surgem as grandes galerias parisienses para dar conta de abrigar os resultados dessa atividade produtiva de luxo. E para acompanhar a ostentação do lugar, o autor observa que a arte nesse caso “Põe-se a serviço do comerciante” promovendo os espaços em locais atrativos a visita de forasteiros e que até hoje os contemporâneos não deixam de admirar.

Dessa forma as grandes galerias abrem o caminho para a mudança do perfil da cidade, a introduz no âmbito da inovação a partir da utilização de novos materiais na construção civil, como ilustra o fragmento abaixo de um Guia Ilustrado de Paris:

Um Guia ilustrado de Paris afirma: "Estas galerias são uma nova invenção do luxo industrial, são vias cobertas de vidro e com o piso de mármore, passando por blocos de prédios, cujos proprietários se reuniram para tais especulações. Dos dois lados dessas ruas, cuja iluminação vem do alto, exibem-se as lojas mais elegantes, de modo tal que uma dessas passagens é uma cidade em miniatura, é até mesmo um mundo em miniatura". As galerias são o cenário das primeiras iluminações a gás. (BENJAMIN, 2006, p. 40).

A partir do trecho acima é possível perceber que com as galerias Paris entrou num novo estágio de urbanização. Agora muito mais sofisticada e ostentatória. E o dispêndio produtivo vai ganhando forma. Mas não é somente este o ponto de mutação. Começa também a movimentação de engenheiros que não compreendem ainda, mas introduzem o ferro na alvenaria e esse novo material propiciará outra face para a cidade, visto que a partir do seu uso inicia-se a proposta de verticalização da mesma. Além de ser a base para o surgimento das galerias dando-lhes sustentação e o formato em abóbadas não usadas até então em Paris.

Ressaltando-se também a inserção do chamado estilo império, estilo arquitetônico de decoração de interiores, mobiliário e moda geral, desenvolvido na França dentro do pensamento neoclássico, o qual ganha força no período de regresso das campanhas militares de Napoleão, imperador que determina seu gosto pela imponência e grandiosidade no início do século XIX.

E esse propósito artístico vai alcançar o seu ápice quando entrelaça-se aos elementos representativos inspirados no campo militar, somando-se aos motivos revitalizadores da produção de prestígio da Antiguidade Clássica. E ganha fisionomia do massivo e monumental, reveladores do

poder da corte aristocrática. Tempo em que engenheiros e arquitetos começam a disputar seus lugares de construtores e ornadores.

A cidade de Paris, então começa a ser tomada pela ideia de modernidade e vai assumindo frente aos outros centros urbanos a dianteira no propósito visual, espetacular e Benjamin vai desenvolvendo sua leitura da cidade a partir dos escritos dos poetas e prosadores pela visão melancólica que essas mudanças cidadinas causam na população e o poeta expressa em sua obra.

E a sua obra, *Passagens* apresenta-se como uma reunião de textos advindos de suas leituras acerca da cidade de Paris. Nesse caso, a arte envereda-se pelo caminho da ostentação e ele traça uma nova visão acerca da cidade e da vida no espaço urbanizado sob a exegese do capitalismo.

Dessa forma Benjamin vai construindo seu texto focado no propósito de trazer a tona os efeitos do capitalismo sobre a vida e sobre os homens desse período. Observando as mudanças ocorridas na cultura e no eixo econômico social, como base para se compreender aquele século. No qual o autor percebe que a grande virada das ideias está no campo da produção. Atrela-se o desenvolvimento a ascensão da mercadoria e do comércio. No que resulta o esvaziamento do homem que habita Paris.

Nesse caso ao dar forma ao capitalismo com suas nuances mercantilistas dar-se também contornos aos efeitos dele sobre os parisienses tanto da classe burguesa como do proletariado. Inclusive aponta que esse formato de vida e de criação desemboca numa visão de incertezas e indecisões, visto que, os envolvidos não se dão conta dessa força sobre eles. Todavia o que se cria sob a guarda do capitalismo, assume formas imprecisas, que o autor lê como fantasmagorias, uma vez que são oriundas da relação com a mercadoria. E o homem que vivencia essas experiências assume papéis e comportamentos de acordo com essa nova ordem social e política.

Exposições universais são centro de peregrinação ao fetiche mercadoria. "A Europa se deslocou para ver mercadorias" afirma Taine em 1855. As exposições universais foram precedidas por exposições nacionais da indústria, a primeira das quais ocorre em 1798 no Campo de Marte. Ela decorreu do desejo de "divertir as classes trabalhadoras, tornando-se uma festa de emancipação para elas". Aí, o operariado tem o primado enquanto freguesia. Ainda não se formara o quadro da indústria da diversão. Esse espaço é ocupado pela festa popular. [...] As exposições universais transfiguram o valor de troca das mercadorias. Criam uma moldura em que o valor de uso da mercadoria passa para segundo plano. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para se distrair. A indústria de diversões facilita isso, elevando-o ao nível da mercadoria. O sujeito se entrega às suas manipulações, desfrutando a sua própria alienação e a dos outros. A entronização da mercadoria e da aura de dissipação que a envolve, eis o secreto tema da arte de Grandville. A isso corresponde a defasagem entre o seu elemento utópico e o seu elemento cínico. As suas sutilezas na representação de objetos mortos correspondem ao que Marx chamou de "argueiros teológicos" da mercadoria. Eles se sedimentam marcadamente na "specialité" - designação de uma espécie de mercadoria surgida

a essa época na indústria de luxo. Sob o lápis de Grandville, a natureza toda se transforma em "especialidades", em especiarias (BENJAMIN, 2006, p. 35-36).

De acordo com o fragmento acima, o proletariado ocorre experiência a tentativa de se trazer para a cidade o que se tinha no campo, até porque o espaço urbano precisa se mostrar capaz de ser superior ao campo e propõe a façanha de recriá-lo através de mercadorias envolventes que atraem o operário a ser freguês consumidor, mas não lhe é permitido perceber essa intenção porque como traz o texto a moldura encobre o valor da trapaça. Desloca-se o olhar. Entretanto é lançada a rede da manipulação através da "entronização da mercadoria" sobre o homem.

Sob Luís Filipe, o homem privado pisa o palco da história. A ampliação do aparelho democrático através da justiça eleitoral coincide com a corrupção parlamentar organizada por Guizot. Protegida por ela, a classe dominante faz história fazendo os seus negócios. Estimula a construção de ferrovias para beneficiar as ações que possui; Apoiar o governo desse Luís Filipe como o governo do empresário.[...]

Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é seu complemento. O homem privado, realista no escritório, quer que o interior sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do "interior", da interioridade. Para o homem privado, o interior da residência representa o universo. Nele se reúne o longínquo e o pretérito. O seu salon é um camarote no teatro do mundo (BENJAMIN, 2006, p. 37).

Na leitura de Benjamin, ele deixa entender que o burguês também não se isentou das manipulações, visto que este primará por embelezar a sua casa através das inúmeras mercadorias disponíveis. Dessa forma os seus objetos de uso pessoal, do seu habitat natural adquire a forma de ostentação da vitrine das galerias onde se almeja chamar a atenção pelo volume de obras de arte acumuladas e exposta a visita. Dessa forma todos os atores são envolvidos na máquina mercantil e ainda pensam que são autônomos e donos de suas vidas.

Então a Paris de Benjamin vai se tornando o local de miragens, das imagens contorcidas, e fantasmagóricas, onde o novo e o velho de interseccionam-se e contaminam seus habitantes que vão transferindo para a arte sua falta de objetividade, dando forma as impressões oriundas dos seus subconscientes. Aspecto que o autor passa a discutir como sendo imagens do sonho, da ilusão, baseadas no fetiche da moda propagada. E, por isso, povoadas de elementos do subconsciente contaminado, porque está marcado pela lógica do capitalismo e suas mercadorias.

O que se revela a partir do pensamento de que nas vigas de sustentação esses construtores imitam colunas pompeianas e nas fábricas eles imitam moradias, assim como mais tarde as primeiras estações ferroviárias tomam por modelo os chalés. "A construção adota o papel de subconsciente."

Embora o texto se desenvolva numa perspectiva teórica, Benjamin toma a escrita poética como instrumento metodológico para desenvolver seus argumentos; através de um roteiro que se

organiza pelo sentir dos poetas que se propõem a verbalizar sobre as transformações percebidas na cidade e o alheamento do povo frente às mudanças ocorridas. Em sua perspectiva, são muitos os escolhidos dentre eles, Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire. Os quais também se tecerá alguns comentários acerca de suas obras a partir de um breve olhar em alguns textos em que a visão de cidade fique mais evidenciada.

Ao introduzir os escritos dos dois autores Benjamin aborda como cada um sente o espaço urbano, e tece seu discurso crítico sobre as contribuições deixadas além das vertentes internas que a temática da cidade adquire dentro dessas poéticas. E para tanto os apresenta a partir dos seguintes comentários:

A "Filosofia do mobiliário", bem como as novelas de detetive apontam Poe como o primeiro fisionomista de tal interieur. Os criminosos das primeiras novelas de detetive não são cavalheiros nem apaches, mas pessoas privadas pertencentes à burguesia. (Benjamin, 2006, p.38)

O engenho de Baudelaire, nutrindo-se da melancolia, é alegórico. Pela primeira vez com Baudelaire, Paris se torna objeto da poesia lírica. Mas essa poesia não é nenhuma arte nacional e familiar; pelo contrário, o olhar do alegórico a perpassar a cidade é o olhar do estranhamento. O olhar do flaneur, cuja forma de vida envolve com um halo reconciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da cidade grande. Flaneur ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa, Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca o seu asilo na multidão (BENJAMIN, 2006, p. 38).

A CIDADE NA TRADUÇÃO DE POE

Como Benjamin compreende que Poe é o introdutor da visão fisionômica da cidade, e que essa fisionomia vai sendo construída com um olhar detetivesco, de quem desconfia do que está posto e guarda em seu interior muitos mistérios, toma-se alguns fragmentos de textos de sua obra Histórias Extraordinárias para melhor sentir e discutir esse viés de escrita que permite compreender melhor os meandros do espaço urbano por ele apresentados.

A partir da proposta de perceber a cidade através da caminhada sem destino certo, sem um prévio roteiro, mas utilizando-se da didática do olhar interrogativo, do questionamento e da imprecisão Paris vai se desvelando como uma cidade moderna no século XIX, mas que também adquire a capacidade de ser tomada como exemplo a ser seguido para a compreensão das características da cidade que se agigantou na sua forma física como também nos seus problemas sociais, políticos e econômicos. E ganhou títulos pomposos de metrópoles, megalópoles, etc. Visto que até então cidade não era o local do caos urbano. Mas que a partir daí seu formato se transforma para dar conta de abrigar todos os desequilíbrios causados aos atores que nela vive.

E é justamente por atentar para as questões que envolvem a multidão que Poe entra neste contexto, coletando seu material para a escrita literária. A qual tanto descreve os desmandos citadinos como fomenta nestes espaços a condição de se espelharem nela para revelar sua nova fisionomia de cidade grande.

BAUDELAIRE E A POESIA DA MELANCOLIA CIDADINA

JOÃO DO RIO E A POÉTICA DAS RUAS

Flanar na acepção de João do Rio, pauta-se na ideia de vagar pela cidade. Sentir a cidade, viver a cidade e nessa experiência ir recolhendo dados sobre a mesma que permitam conhecê-la e curtir-la e amá-la. Flanar sobre a cidade pode ser compreendido como apreendê-la nos seus mais diversos aspectos, conhecê-la profundamente e daí tirar o conteúdo para falar sobre a mesma.

A partir da ação de flanar João do Rio se posicionou como um grande conhecedor do Rio de Janeiro. Visitou e conheceu todos os locais da capital carioca nos seus mínimos detalhes. E foi a partir desse trabalho minucioso de coleta de dados que o mesmo se posicionou como um dos maiores entendidos dessa temática a qual foi revelada em seu conjunto de obras. Das quais se escolheu A alma encantadora das ruas para a realização desse trabalho.

Nessa obra o autor apresenta uma visão de ruas como um local aprazível, fecundo de muitos conhecimentos capazes de capacitar o homem para desenvolver qualquer atividade em qualquer área do conhecimento. Ele brinca com a capacidade humana de se adaptar aos mais diversos e inexplicáveis eventos e locais.

E para tratar do conteúdo com propriedade é possível pensar que João do Rio fez da cidade maravilhosa uma extensão dele mesmo. Pelo carinho e curiosidade com que se debruçava para conhecê-la e sempre descobria que muito havia ainda a buscar. Ao ler sua obra observa-se que ele traça um projeto organizacional que vai apresentando os mais variados e curiosos assuntos sobre a cidade sempre através da metodologia do olhar e do sentir.

É uma obra altamente sinestésica onde os sentidos se entrecruzam para esboçar os cheiros, agradáveis como das flores, do mar, ou não como dos canais a céu aberto, do lixo apodrecido; as imagens glamorosas ou distorcidas na refletidas nos painéis das lojas, nas fachadas das casas ou os locais de passagens do rico ou do pobre os buracos, a lama, a poeira, o asfaltamento.

Deu-se ao luxo também de ouvir os mais incríveis sons da cidade como o pregão dos vendedores, os gemidos dos mendigos, a piada da prostituta, a música clássica dos concertos e as

modinhas dos cantores populares. Assim como provou do angu mais a feijoada mais requintada. E dessa forma sentinte que as ruas ganham vida em suas mãos de escritor e a cidade torna-se uma personagem viva com vontades, desejos, assombros, vaidade, deboche alma e muita poesia.

Daí flunar ser o verbo, criado por ele como sendo o tradutor da ação dos que querem conhecer a cidade e vivenciá-la no seu cerne mais profundo. Na abertura de sua obra sob o título *A rua*, autor dá voz ao seu narrador que se declara a rua como seu amor ao tempo em que reflete com o leitor incluindo este no mesmo sentimento porque em sua visão todos se igualam dentro da mesma e partilham amor maior, sendo o mesmo o único legado deixado às gerações futuras ainda que o tempo e as transformações ocorram ele é imutável. Porque na rua a vida e o sentimento resistem, perduram.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É esse mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica o legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 2012, p. 19.)

A partir dessa compreensão do poder e da importância da rua, é possível perceber que recolher os dejetos para compor sua obra se dá pelo campo da satisfação. Pelo enamoramento. Aspecto em que se observa um diálogo com Benjamim e Baudelaire, só que agora numa visão mais despojada de um brasileiro.

Para ele o substantivo rua sobrepõe-se aos limites impostos pela gramática e ganha outras possibilidades significativas. E dessa forma abarca nessa versatilidade semântica todas as suas impressões recolhidas.

BAUDELAIRE E A POESIA DA MELANCOLIA CITADINA

JOÃO DO RIO E A POÉTICA DAS RUAS

Flunar na acepção de João do Rio, pauta-se na ideia de vagar pela cidade. Sentir a cidade, viver a cidade e nessa experiência ir recolhendo dados sobre a mesma que permitam conhecê-la e curtí-la e amá-la. Flunar sobre a cidade pode ser compreendido como apreendê-la nos seus mais diversos aspectos, conhecê-la profundamente e daí tirar o conteúdo para falar sobre a mesma.

A partir da ação de flunar João do Rio se posicionou como um grande conhecedor do Rio de Janeiro. Visitou e conheceu todos os locais da capital carioca nos seus mínimos detalhes. E foi a partir desse trabalho minucioso de coleta de dados que o mesmo se posicionou como um dos maiores entendidos dessa temática a qual foi revelada em seu conjunto de obras. Das quais se escolheu A alma encantadora das ruas para a realização desse trabalho.

Nessa obra o autor apresenta uma visão de ruas como um local aprazível, fecundo de muitos conhecimentos capazes de capacitar o homem para desenvolver qualquer atividade em qualquer área do conhecimento. Ele brinca com a capacidade humana de se adaptar aos mais diversos e inexplicáveis eventos e locais.

E para tratar do conteúdo com propriedade é possível pensar que João do Rio fez da cidade maravilhosa uma extensão dele mesmo. Pelo carinho e curiosidade com que se debruçava para conhecê-la e sempre descobria que muito havia ainda a buscar. Ao ler sua obra observa-se que ele traça um projeto organizacional que vai apresentando os mais variados e curiosos assuntos sobre a cidade sempre através da metodologia do olhar e do sentir.

É uma obra altamente sinestésica onde os sentidos se entrecruzam para esboçar os cheiros, agradáveis como das flores, do mar, ou não como dos canais a céu aberto, do lixo apodrecido; as imagens glamorosas ou distorcidas na refletidas nos painéis das lojas, nas fachadas das casas ou os locais de passagens do rico ou do pobre os buracos, a lama, a poeira, o asfaltamento.

Deu-se ao luxo também de ouvir os mais incríveis sons da cidade como o pregão dos vendedores, os gemidos dos mendigos, a piada da prostituta, a música clássica dos concertos e as modinhas dos cantores populares. Assim como provou do angu mais a feijoada mais requintada. E dessa forma sentiste que as ruas ganham vida em suas mãos de escritor e a cidade torna-se uma personagem viva com vontades, desejos, assombros, vaidade, deboche alma e muita poesia.

Daí flunar ser o verbo, criado por ele como sendo o tradutor da ação dos que querem conhecer a cidade e vivenciá-la no seu cerne mais profundo. Na abertura de sua obra sob o título A rua, autor dá voz ao seu narrador que se declara a rua como seu amor ao tempo em que reflete com o leitor incluindo este no mesmo sentimento porque em sua visão todos se igualam dentro da mesma e partilham amor maior, sendo o mesmo o único legado deixado às gerações futuras ainda que o tempo e as transformações ocorram ele é imutável. Porque na rua a vida e o sentimento resistem, perduram.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos,

com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É esse mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica o legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 2012, p. 19.)

A partir dessa compreensão do poder e da importância da rua, é possível perceber que recolher os dejetos para compor sua obra se dá pelo campo da satisfação. Pelo enamoramento. Aspecto em que se observa um diálogo com Benjamim e Baudelaire, só que agora numa visão mais despojada de um brasileiro.

Para ele o substantivo rua sobrepõe-se aos limites impostos pela gramática e ganha outras possibilidades significativas. E dessa forma abarca nessa versatilidade semântica todas as suas impressões recolhidas.

REFERÊNCIAS

- CALADO, Margarida; PAIS DA SILVA, Jorge Henrique. *Dicionário de Termos da Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.
- AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro d'água*. 67 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita - prec. de A noção do dispêndio*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2006.
- DRUMMOND, Washington Luis Lima; SAMPAIO, Alan. *A Cidade e seu duplo: imagem, cidade e cultura*. Salvador: EDUNEB, 2013.
- DRUMMOND, Washington Luis Lima. *Pierre Verger: Retratos da Bahia e Centro Histórico de Salvador (1946 a 1952) – uma cidade surrealista nos trópicos*. Salvador. 2009. Tese de Doutorado/UFBA.
- POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- RIBEIRO, Carlos. *Lunaris*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

